

PERTENCIMENTO E REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA: A NEGRITUDE NA UNIVERSIDADE

Belonging and imagetic representation: negritude in university

Pertenencia y representación imagética: negritud en la universidad

Resumo

A imagem da capa é resultado dos ensaios fotográficos que tiveram como tema "Espelho, voz e potência", realizados pelo projeto "Espaço Seguro: acolhimento e estratégias de enfrentamento às violências cotidianas do machismo e do racismo", executado pela Terapia Ocupacional de uma universidade pública brasileira. Os ensaios fotográficos tiveram como intuito enaltecer a beleza negra, proporcionar cuidado e empoderamento de si e de suas potências. A atividade também teve como objetivo fortalecer o pertencimento do povo negro na expressão de sua cidadania na relação com o ensino superior, a importância da diversidade neste espaço e ressaltar a função social da universidade pública brasileira.

Palavras-chave: Fotografia, Racismo, Sexismo, Terapia ocupacional.

Abstract

The cover image is the result of photo essays, which theme was "Mirror, voice and power", carried out in the project "Secure Space: welcoming and combat strategies to the daily violence of sexism and racism", executed by the Occupational Therapy in a Brazilian public university. The photo essays aimed to enhance the black beauty, care and empowerment of yourself and your potencies. The activity's purpose was also reinforcing the black people's sense of belonging in the expression of their citizenship in relation to higher education, the importance of diversity in this space and to highlight the social function of the Brazilian public university.

Keywords: Photograph, Racism, Sexism, Occupational therapy.

Resumen

La imagen de portada es el resultado de ensayos fotográficos, cuyo tema fue "Espejo, voz y poder", realizado en el proyecto "Espacio Seguro: estrategias de acogida y afrontamiento a la violencia cotidiana del machismo y el racismo", realizado por la Terapia Ocupacional de una universidad pública brasileña. Los ensayos fotográficos tenían la intención de ensalzar la belleza negra, proporcionar cuidado, cuidado y empoderamiento de ellos mismos y sus poderes. El propósito de la actividad de fortalecer la pertenencia de los negros en la expresión de su ciudadanía en relación con la educación superior, la importancia de la diversidad en este espacio y resaltar la función social de la universidad pública brasileña.

Palabras clave: Fotografía, Racismo, Sexismo, Terapia ocupacional.

Alice Fernandes de Andrade

Estudante do Curso de Terapia Ocupacional, AHTO, da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-2419-3711>

Dandara Pereira Sousa

Estudante do Curso de Terapia Ocupacional, AHTO da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-9591-2437>

Lucas Chaves Varela

Estudante do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0003-1668-5756>

Carla Regina Silva

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Líder AHTO, da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>

Em 1889, Bertuleza Maria da Conceição, uma ex-escrava, deu à luz à José Ezelino da Costa em pleno sertão de Caicó-RN. Anos depois, José Ezelino se tornou o primeiro fotógrafo negro de toda região do Seridó. Reconhecido por sua obra autoral, José Ezelino foi inovador na forma e no conteúdo, afinal produziu fotos a partir de uma luz suave em contraste com a do sertão. Já em relação ao conteúdo, fotografou seus familiares em estúdio, vestindo roupas sociais de bom corte e na moda para a época¹.

José Ezelino utilizou a fotografia para desestabilizar uma identidade a qual não o representava, ligada à subalternidade e exploração, e afirmar a identidade do povo negro, dentro de uma outra lógica que pudesse transpor o racismo. Ele foi audacioso, pois para a sociedade predominantemente branca, a diferença sinalizada pela cor da pele era sinônimo de um indivíduo com capacidades cognoscentes apenas para o trabalho subalterno. Assim, as fotos de negros eram hegemonicamente em trabalhos subalternos, seja no campo ou na cidade em fábricas ou indústrias.



Muitas décadas depois, após muitas lutas travadas é preciso audácia, coragem, mas acima de tudo deslocar o imaginário, nos conscientizar para essa transformação. O racismo deve ser inaceitável sob qualquer lógica ou ponto de vista, até que a dignidade se torne costume.

José Ezelino, assim como muitos negros afro-brasileiros dotados de suas sabedorias, trajetórias e vivências, nos inspira a fruir a arte com sua potência múltipla de expressão e significados. Neste sentido, a foto da capa ilustra a força presente nas imagens resultantes dos ensaios fotográficos, com o tema "Espelho, voz e potência", realizados no projeto "Espaço Seguro: acolhimento e estratégias de enfrentamento às violências cotidianas do machismo e do racismo".



O Espaço Seguro consolida-se a partir do lançamento de um edital para apoiar projetos relacionados ao Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE) da Universidade Federal de São Carlos². O projeto teve como objetivo auxiliar na permanência estudantil a partir do acolhimento e instrumentalização de estudantes negros frente aos desafios cotidianos relacionados à opressão de gênero e raça³. A proposta foi desenvolvida no Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, por uma equipe composta por uma docente e quatro estudantes negras/o dos cursos de Terapia Ocupacional e Ciências Sociais, três mulheres cis, uma mulher trans e um homem, representantes da comunidade LGBTQ+.

Foram ofertadas Oficinas de Atividades⁴ semanais aos estudantes participantes interessados e para outras pessoas com interesse no tema, ao longo do segundo semestre de 2019. Cada semana contou com um tema previamente escolhido pela equipe em composição, com demandas trazidas pelos e pelas participantes durante os encontros. A equipe também realizou encontros semanais para realização de grupos de estudo e das atividades de planejamento, sistematização, registros e apreciação/avaliação.

“Espelho, voz e potência”

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”³

O projeto “Espaço Seguro” propôs a formação de grupos para o desenvolvimento de atividades em coletivo, espaços de escuta para o mapeamento e acolhimento das situações relacionadas ao racismo e machismo cotidiano vivido pelos participantes⁴.

Os ensaios fotográficos “Espelho, voz e potência” fizeram parte das atividades com o intuito de enaltecer a beleza negra, proporcionar



cuidado e empoderamento de si aos participantes como forma de visibilizar suas potências, reforçando assim o pertencimento e a diversidade como valores constitutivos da cidadania em espaços como a universidade.

Corroboramos com Milton Santos⁶ sobre a 'cidadania mutilada' presente em todo histórico brasileiro, em especial na população negra. Contudo, quando nos referimos à cidadania, tratamos de pontuá-la como elemento central de constituição do Estado de direito democrático, cuja ampliação e defesa dos direitos sociais, políticos, civis e humanos é imprescindível, urgente e pauta de luta constante frente às barbáries presentes em nossos cotidianos.

Considerando os estudos pós-coloniais, ao considerar a identidade como uma produção sociocultural, e, ao relacioná-la à produção de imagens, podemos, então, pensar e tomar a identidade



enquanto uma representação social. Compreendemos a imagem enquanto dispositivo discursivo que suscita posições de poder, como enuncia Hall⁷ "regime de representação". Assim tomamos categorias como "Raça" e "Negro", frutos de um regime de representação racista que incorpora a diferença como subalterna e signo de "designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa [...]"^{8:10}.

Desse modo, a proposta "Espelho, voz e potência" também pode ser considerada como dispositivo para negarmos os binarismos que a representação racista nos condiciona. Por isso, vamos em direção ao híbrido, um terceiro lugar de enunciação que não está nem dentro nem fora da identidade essencializada, está na fronteira de onde o caráter construído, artificial da identidade salta aos olhos⁹. Fanon¹⁰ já nos advertia sobre os efeitos psicológicos que a colonização tem sobre o indivíduo colonizado. O "Negro", nesse sentido, sujeita-se à existência reduzida na sua essencialização, à parte excluída do ser pela qual o "Branco" existe, razão pelo qual o colonizado não se sentia pertencente¹⁰.

A prática se assemelha tanto ao feito de José Ezelino no sertão de Caicó, quanto ao movimento *Black is Beautiful* dos anos 1960, onde a questão de representação e poder adquiriram centralidade

nas políticas antirracistas nos Estados Unidos. Contudo, percebemos que a simples inversão do polo negativo do binarismo - o Negro - não é suficiente, e concordamos com Bhabha⁹ a respeito do híbrido, até porque buscar representar o Negro positivamente não impede que o mesmo seja interpretado por outros significados que o termo já possui. Ou seja, a partir da realidade brasileira,



enunciar que o Negro é bom, bonito ou associado a outros adjetivos positivos não impede que alguém mantenha seu preconceito fruto de um regime de representação racista.

Assentimos com Silva¹¹ sobre uma medida pedagógica que coloque a explicação e descrição da produção da identidade e da diferença no centro da discussão, a fim de que pelo reconhecimento de que “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada”^{11:97}, todo significado pejorativo a respeito de características ditas naturais ou culturais não têm qualquer embasamento ou validade. O “Espelho, voz e potência”, antes de mais nada, é uma transgressão, subversão da identidade “Negro”, uma ação que busca desestabilizá-la e denunciar o seu caráter artificial.

Compreende-se que o racismo e o machismo são marcadores da estrutura social brasileira e apresentam papel extremamente importante na constituição das desigualdades do país. Entendem-se os espaços universitários como ambientes que refletem a realidade e são permeados por construções socioculturais e históricas, que sinalizam e repercutem uma única visão de mundo. De acordo com Grosfoguel¹², a Universidade se apresenta sob paradigmas moldados de uma perspectiva ocidental, que exclui e silencia o conhecimento de outros povos, como os indígenas e os negros escravizados.

Os conhecimentos em Terapia Ocupacional e as potências trazidas pelas atividades humanas foram utilizados como ferramentas para construção destes *encontros seguros*, acolhedores e de cuidado para os corpos atravessados pelas marcas do neoliberalismo, colonialismo e do heteropatriarcado^{13,14,15}. O projeto, então, tinha como intenção alcançar como resultados: colaborar com a construção de propostas e políticas institucionais, para a mudança no quadro de desigualdade, para a efetividade das políticas de permanência estudantil e, conseqüentemente, para a construção de

uma universidade que possa encontrar caminhos para reverter anos de dívida histórica e que projete a educação como transformação social.

Os ensaios fotográficos buscaram trazer arte, movimento e afeto durante o mês da consciência negra. A intenção dos ensaios era contribuir para a construção individual da autoestima de cada participante e enaltecer a beleza e a potência do corpo negro. Por isso, foi realizada a divulgação e disponibilizados horários para estudantes interessados em serem fotografados, em ensaios personalizados, por duas fotógrafas negras, participantes da equipe do *Espaço Seguro*.

Entendemos, então, a fotografia como arte/instrumento que pode contribuir para a leitura da autoimagem, para o sentimento de pertencimento em relação ao ambiente em que se é fotografado e para a concretização da estima em relação ao próprio corpo.

Por isso, valorizar através da imagem, uma ferramenta concreta, o corpo negro que é negado e violado dentro e fora da universidade, por meio do racismo, é uma ação política que visa a equidade racial, uma mudança da disparidade social. Para além do enaltecimento desses corpos em suas individualidades, o empoderamento desses indivíduos na universidade promove uma construção coletiva para quem protagoniza essa mazela sócio-histórica e ações que ressoam para toda a comunidade acadêmica. Na busca por equidade, garantia e ampliação dos direitos, cidadania e respeito à população negra brasileira.

Referências

1. Almeida, A. Quando a pele incendeia a memória: nasce um fotógrafo no sertão do século XX. 1ª ed. Natal: EdUFRN Editora, 2019. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27280>>. Acesso em: 8 de março de 2020.
2. UFSCar. Resolução COACE N° 116. 12 jul. 2018. Disponível em: https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/Resolucao_PIAPE.pdf . Acesso em: 09 maio. 2019.
3. Djamila, R. Lugar de Fala. 1ª ed. São Paulo: Pólen Editora; 2019.

4. Silva, CR et al. Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. "Espaço Seguro: acolhimento, estratégias e enfrentamento às violências cotidianas do racismo e do machismo": relatório técnico. São Carlos: AHTO; 2020. 23 p.
5. Silva. CR. Oficinas. In: Park MB; Sieiro R.; Carnicel A. (Orgs.). Palavras-chave da educação não formal. Holambra: Editora Setembro/Centro de Memória da Unicamp; 2007. p. 213-214.
6. Santos, M. As cidadanias mutiladas. In: Cardoso R, Kehl MR, Bucci E, Dines A, Oliveira RD, Telles LF. O preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; 1996/1997. p 133-144.
7. Hall, S. Representation: Cultural Representation and Signifying Practices. 2012. London: Sage publications: 1997, 400 p.
8. Mbembe, A. Crítica da Razão Negra. 1ª ed. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
9. Bhabha, H. The location of culture. Londres/Nova York, Routledge, 1994.
10. Fanon, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUFBA, 2008.
11. Silva, T T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T T.; Hall, S., Woodward, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.
12. Grosfoguel, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/ epistemicídios do longo século XVI. Soc estado. Brasília. 2016; 31(1): 25-49.
13. Ambrosio, L. Raça, Gênero e Sexualidade: uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. Dissertação de Mestrado Terapia Ocupacional. São Carlos, 2020, 165p.
14. Silva, C. (org.) Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, política e outras resistências. São Paulo: HUCITEC, 2019.
15. Silvestrini, M S; Silva, C R; Almeida Prado, A C S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, 27(4): 929-940, Dec. 2019. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoar1727>

Agradecimentos: Fernanda Marciano e participantes do projeto “Espaço Seguro”.

Contribuição dos autores: **Alice Fernandes de Andrade** foi responsável concepção do texto, redação do texto e revisão; **Carla Regina Silva** foi responsável pela organização de fontes e/ou análises, concepção do texto, redação do texto e revisão; **Dandara Pereira Sousa** foi responsável pela concepção do texto, redação do texto, revisão e **Lucas Chaves Varela** foi responsável pela redação do texto e revisão.

Submetido em: 25/04/2020

Aprovado em: 04/08/2020

Publicado em: 31/10/2020